

# Obras Póstumas



*Allan Kardec*

**PARTE I**  
**CAPÍTULO VII – INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FOTOGRAFIA  
E DA TELEGRAFIA DO PENSAMENTO**

## Índice

Assunto	Origem	Pagina
<b>1. Fotografia e Telegrafia do Pensamento</b>	Obras Póstumas	03
<b>O Pensamento</b>	O Consolador	08
<b>Equilibrar mente e pensamento</b>	O Consolador	10

## Parte I

### Capítulo VII – Introdução ao Estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento

#### I – Fotografia e telegrafia do Pensamento

É fato incontestável a ação fisiológica de indivíduo a indivíduo, com ou sem contacto. Semelhante ação evidentemente só pode ser exercida por um agente intermediário, do qual são reservatório o nosso corpo, os nossos olhos e os nossos dedos, principais órgãos de emissão e de direção.

Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Quais a sua natureza e a sua essência? Quais as suas propriedades íntimas? Será um fluido especial, ou uma modificação da eletricidade, ou de algum outro fluido conhecido? Não será antes o a que hoje damos o nome de fluido cósmico, quando se acha esparsa na atmosfera, e fluido perispirítico, quando individualizado?

Esta questão, aliás, é secundária.

O fluido perispirítico é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calórico. É-nos invisível, no nosso estado normal, e somente por seus efeitos se revela.

Torna-se, porém, visível a quem se ache no estado de sonambulismo lúcido e, mesmo, no estado de vigília, às pessoas dotadas de dupla vista. No estado de emissão, ele se apresenta sob a forma de feixes luminosos, muito semelhante à luz elétrica difundida no vácuo. A isso, em suma, se limita a sua analogia com este último fluido, porquanto não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. No estado ordinário, denota matizes diversos, conforme os indivíduos que o emitem: ora vermelho fraco, ora azulado, ou acinzentado, qual ligeira bruma. As mais das vezes, espalha sobre os corpos circunjacentes uma coloração amarelada, mais ou menos forte.

Sobre essa questão, são idênticos os relatos dos sonâmbulos e dos videntes. Teremos ainda ocasião de tratar disso, quando falarmos das qualidades que ao fluido imprimem o móvel que o põe em movimento e o adiantamento do indivíduo que o emite.

Nenhum corpo lhe opõe obstáculo; ele os, penetra e atravessa todos. Até agora nenhum se conhece que seja capaz de o isolar. Somente a vontade lhe pode ampliar ou restringir a ação. A vontade, com efeito, é o seu mais poderoso princípio. Pela vontade, dirigem-se lhe os eflúvios através do espaço, saturam-se dele alguns objetos, ou faz-se que ele se retire dos lugares onde superabunda. Digamos, de passagem, que é neste princípio que se funda a força magnética. Parece, enfim, que ele é o veículo da vista psíquica, como o fluido luminoso o é da vista ordinária.

O fluido cósmico, conquanto emane de uma fonte universal, se individualiza, por assim dizer, em cada ser e adquire propriedades, características, que permitem distingui-lo de todos os outros. Nem mesmo a morte apaga esses caracteres de individualização, que persistem por longos anos após a cessação da vida, coisa de que já hemos podido convencer-nos. Cada um de nós tem, pois, o seu fluido próprio, que o envolve e acompanha em todos os movimentos, como a atmosfera acompanha cada planeta. É muito variável a extensão da irradiação dessas atmosferas individuais.

Achando-se o Espírito em estado de absoluto repouso, pode essa irradiação ficar circunscrita nos limites de alguns passos; mas, atuando a vontade, pode alcançar distâncias infinitas.

A vontade como que dilata o fluido, do mesmo modo que o calor dilata os gases. As diferentes atmosferas individuais se entrecruzam e misturam, sem jamais se confundirem, exatamente como as ondas sonoras que se conservam distintas, a despeito da imensidade de sons que simultaneamente abalam o ar. Pode-se, por conseguinte, dizer que cada indivíduo é centro de uma onda fluídica, cuja extensão se acha em relação com a força da vontade, do mesmo modo que cada ponto vibrante é centro de uma onda sonora, cuja extensão está na razão propulsora do fluido, como o choque é a causa de vibração do ar e propulsora das ondas sonoras.

Das qualidades peculiares a cada fluido resulta uma espécie de harmonia ou desacordo entre eles, uma tendência a se unirem ou evitarem, uma atração ou repulsão, numa palavra: as simpatias ou antipatias que se experimentam, muitas vezes sem manifestas causas determinantes. Se nos colocamos na esfera de atividade de um indivíduo, a sua presença não raro se nos revela pela impressão agradável ou desagradável que nos produz o seu fluido. Se

## Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VII)

estamos entre pessoas de cujos sentimentos não partilhamos, cujos fluidos não se harmonizam com os nossos, penosa reação entra a oprimir-nos e sentimo-nos ali como nota dissonante num concerto! Se, ao contrário, muitos indivíduos se acham reunidos em comunhão de vistas e de intenções, os sentimentos de cada um se exaltam na proporção mesma da massa das forças atuantes. Quem não conhece a força de arrastamento que domina as aglomerações onde há homogeneidade de pensamentos e de vontades? Ninguém pode imaginar a quantas influências estamos assim submetidos, à nossa revelia.

Não podem essas influências ser a causa determinante de certas idéias, dessas idéias que em dado momento se nos tornam comuns e a outras pessoas, desses pressentimentos que nos levam a dizer: paira alguma coisa no ar, pressagiando tal ou tal acontecimento? Enfim, certas sensações indefiníveis de bem-estar ou de mal-estar moral, de alegria ou tristeza, não serão efeitos da reação do meio fluídico em que nos encontramos, dos eflúvios simpáticos ou antipáticos que recebemos e que nos envolvem como as emanações de um corpo odorífico? Não podemos pronunciar-nos afirmativamente, de modo absoluto, sobre essas questões, mas é forçoso convir, pelo menos, em que a teoria do fluido cósmico, individualizado em cada ser sob o nome de fluido perispirítico, abre um campo inteiramente novo para a solução de uma imensidade de problemas até agora insolúveis.

Em seu movimento de translação, cada um de nós leva consigo a sua atmosfera fluídica, como o caracol leva a sua concha; esse fluido, porém, deixa vestígios da sua passagem; deixa um como sulco luminoso, inacessível aos nossos sentidos, no estado de vigília, mas que serve para que os sonâmbulos, os videntes e os Espíritos desencarnados reconstituam os fatos ocorridos e examinem os móveis que os ocasionaram.

Toda ação física ou moral, patente ou oculta, de um ser sobre si mesmo, ou sobre outro, pressupõe, de um lado, uma força atuante e, de outro, uma sensibilidade passiva.

Em todas as coisas, duas forças iguais se neutralizam e a fraqueza cede à força. Ora, não sendo todos os homens dotados da mesma energia fluídica, ou, por outra, não tendo o fluido perispirítico, em todos, a mesma potência ativa, explicado fica por que, nuns, essa potência é quase irresistível, ao passo que, noutros, é nula; por que algumas pessoas são muito acessíveis à sua ação, enquanto que outras lhe são refratárias.

Essa superioridade e essa inferioridade relativa, dependem evidentemente do organismo; mas, fora erro acreditar-se que estão na razão direta da força ou da fraqueza física. A experiência prova que os homens mais robustos às vezes sofrem as influências fluídicas mais facilmente do que outros de constituição muito mais delicada, ao passo que com freqüência se descobrem entre estes últimos uma força que a frágil aparência deles não permitiria se suspeitasse.

De muitas formas se pode explicar essa diversidade no modo de agir.

O poder fluídico aplicado à ação recíproca dos homens uns sobre os outros, isto é, ao Magnetismo, pode depender:

1º da quantidade de fluido que cada um possua; 2º da natureza intrínseca do fluido de cada um, abstração feita da quantidade; 3º do grau de energia da força impulsiva; porventura, até, dessas três causas reunidas. Na primeira hipótese, aquele que tem mais fluido dá-lo ia ao que tem menos, recebendo-o deste em menor quantidade. Haveria nesse caso analogia perfeita com a permuta de calórico entre dois corpos que se colocam em equilíbrio de temperatura.

Qualquer que seja a causa daquela diferença, podemos aperceber-nos do efeito que ela produz, imaginando três pessoas cujo poder representaremos pelos números 10, 5 e 1.

O 10 agirá sobre o 5 e sobre o 1, porém mais energicamente sobre o 1 do que sobre o 5; este atuará sobre o 1 mas será impotente para atuar sobre o 10; o 1, finalmente, não atuará sobre nenhum dos dois outros. Será essa talvez a razão por que certos pacientes são sensíveis à ação de tal magnetizador e insensíveis à de tal outro.

Pode-se também, até certo ponto, explicar esse fenômeno, apoiado nas considerações precedentes. Dissemos, com efeito, que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns com relação aos outros. Ora, não poderia dar-se que a ação recíproca de dois indivíduos estivesse na razão da simpatia dos fluidos, isto é, da tendência destes a se confundirem por uma espécie de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos vibrantes?

## Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VII)

Indubitavelmente essa harmonia ou simpatia dos fluidos é uma condição, ainda que não indispensável em absoluto, pelo menos muito preponderante, e quando há desacordo ou antipatia, a ação não pode deixar de ser fraca, ou, até, nula.

Este sistema explica bem as condições prévias da ação; mas, não diz de que lado está a força e, admitindo-o, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição.

Em suma, que o fenômeno se dê por uma ou outra dessas causas, isso não leva a nenhuma consequência. O fato existe; é o essencial. Os da luz se explicam igualmente pela teoria da emissão e pela das ondulações; os da eletricidade, pelos fluidos positivo e negativo, vítreo e resinoso.

Em próximo estudo, apoiando-nos nas considerações que temos expendido, procuraremos definir o que entendemos por fotografia e telegrafia do pensamento.

### I – Fotografia e telegrafia do Pensamento

A fotografia e a telegrafia do pensamento são questões até agora pouco explanadas. Como todas as que não apresentam ligação com as leis que, por sua essência, devem ser universalmente difundidas, foram relegadas para segundo plano, não obstante serem de capital importância e poderem os elementos que elas contêm concorrer para a elucidação de muitos problemas que ainda se acham sem solução.

Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, dá primeiramente os traços gerais, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. O mesmo sucede em Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. Por isso é que, durante certo tempo, forçoso se torna pôr de lado o estudo dessas questões.

Com efeito, poder-se-ia logicamente falar de fotografia e de telegrafia do pensamento, antes de estar demonstrada a existência da alma que manobra os elementos fluídicos e a dos fluidos que permitem se estabeleçam relações entre duas almas distintas? Ainda hoje, talvez, mal começamos a estar suficientemente esclarecidos para a elaboração de tão vastos problemas! Entretanto, não se acharão deslocadas aqui algumas considerações de natureza a preparar as bases para um estudo mais completo.

Limitado em suas idéias e aspirações, tendo circunscritos os seus horizontes, o homem precisa concretar todas as coisas e pôr-lhes etiquetas, a fim de guardar delas apreciável lembrança e basear seus futuros estudos nos dados que haja reunido. Pelo sentido da vista foi que lhe vieram as primeiras noções do conhecimento. Foi a imagem de um objeto que lhe ensinou a existência desse objeto. Quando conheceu muitos objetos, tirou deduções das impressões diferentes que eles lhe produziam no íntimo do ser, fixou na inteligência a quintessência deles por meio do fenômeno da memória. Ora, que é a memória, senão uma espécie de álbum mais ou menos volumoso, que se folheia para encontrar de novo as idéias apagadas e reconstituir os acontecimentos que se foram? Esse álbum tem marcas nos pontos capitais. De alguns fatos o indivíduo imediatamente se recorda; para recordar-se de outros, é-lhe necessário folhear por longo tempo o álbum.

A memória é como um livro! Aquele em que lemos algumas passagens facilmente no-las apresenta aos olhos; as folhas virgens ou raramente perlustradas têm que ser folheadas uma a uma, para que consigamos reconstituir um fato sobre o qual pouco tenhamos demorado a atenção.

Quando o Espírito encarnado se lembra, sua memória lhe apresenta, de certo modo, a fotografia do fato que ele procura. Em geral, os encarnados que o cercam nada vêem; o álbum se acha em lugar inacessível ao olhar deles; mas, os Espíritos o vêem e folheiam conosco. Em dadas circunstâncias, podem mesmo, deliberadamente, ajudar a nossa pesquisa, ou perturbá-la.

## Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VII)

O que se produz de um encarnado para um desencarnado também se verifica do desencarnado para o vidente.

Quando se evoca a lembrança de certos fatos da existência de um Espírito, apresenta-se-lhe a fotografia desses fatos; e o vidente, cuja situação espiritual é análoga à do Espírito livre, vê como ele e, até, em determinadas circunstâncias, vê o que o Espírito não vê por si mesmo, tal como um desencarnado pode folhear a memória de um encarnado, sem que este tenha disso consciência e lembrar-lhe fatos de há muito esquecidos. Quanto aos pensamentos abstratos, por isso mesmo que existem, tomam corpo para impressionar o cérebro; têm de agir naturalmente sobre este e, de certo modo, gravar-se nele. Ainda neste caso, como no primeiro, parece perfeita a semelhança entre os fatos da terra e os do espaço.

Já tendo sido o fenômeno da fotografia do pensamento objeto de algumas reflexões nossas na Revista, para maior clareza reproduziremos alguns trechos do artigo em que o assunto foi tratado e que completaremos com outras observações novas.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre aqueles como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, com verdade, que há ondas nos fluidos e radiações de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há, no ar, ondas e radiações sonoras.

Ainda mais; criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico como num espelho, ou, então, como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar tomando aí um corpo e, de certo modo, fotografando-se. Se um homem, por exemplo, tiver a idéia de matar alguém, embora seu corpo material se conserve impassível, seu corpo fluídico é acionado por essa idéia e a reproduz com todos os matizes. Ele executa fluidicamente o gesto, o ato que o indivíduo premeditou.

Seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal qual lhe está na mente.

É, assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no invólucro fluídico. É assim que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos corporais. Estes vêem as impressões interiores que se refletem nos traços fisionômicos: a cólera, a alegria, a tristeza; a alma, porém, vê nos traços da alma os pensamentos que não se exteriorizam.

Entretanto, se, vendo a intenção, pode a alma pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, não pode, contudo, determinar o momento em que ele será executado, nem lhe precisar os pormenores, nem mesmo afirmar que ele se realize, porque ulteriores circunstâncias podem modificar os planos concebidos e mudar as disposições.

Ela não pode ver o que ainda não está no pensamento; o que vê é a preocupação ocasional ou habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más. Daí os erros nas previsões de alguns videntes.

Quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio de um homem, eles apenas podem pressentir-lhe a probabilidade, de acordo com o pensamento que vêem; mas, não podem afirmar que se dará de tal forma, ou em tal momento. A maior ou menor exatidão nas previsões depende, além disso, da extensão e da clareza da vista psíquica.

Nalguns indivíduos, desencarnados ou encarnados, limita-se a um ponto ou é difusa, ao passo que noutros é nítida e abrange todo o conjunto dos pensamentos e das vontades que hajam de concorrer para a realização de um fato. Mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a mais perspicaz vista psíquica. (Veja, em A Gênese, o capítulo sobre a Presciência.)

A teoria das criações fluídicas e, por conseguinte, da fotografia do pensamento, é uma conquista do moderno Espiritismo e pode, doravante, considerar-se como firmada em princípio, ressalvadas as aplicações de minúcias, que não de resultar da observação. Este fenômeno é incontestavelmente a origem das visões fantásticas e desempenha grande papel em certos sonhos.

Quem na Terra sabe de que maneira se estabeleceram os primeiros meios de comunicação do pensamento? Como foram inventados ou, antes, descobertos, dado que nada se inventa, pois que

## Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VII)

tudo existe em estado latente, cabendo aos homens apenas os meios de pôr em ação as forças que a Natureza lhes oferece? Quem sabe quanto tempo foi necessário para que os homens usassem da palavra de modo perfeitamente inteligível?

Aquele que soltou o primeiro grito inarticulado tinha sem dúvida uma certa consciência do que queria exprimir, mas os a quem ele se dirigiu nada a princípio compreenderam.

Só ao cabo de longo lapso de tempo se verificou a existência de palavras convencionadas, depois a de frases abreviadas e, por fim, discursos inteiros. Quantos milhares de anos não foram necessários para que a Humanidade chegasse ao ponto em que hoje se encontra! Cada progresso nos modos de comunicação, nas relações entre os homens, foi sempre assinalado por uma melhora no estado social dos seres. À medida que as relações de indivíduo a indivíduo se tornam mais estreitas, mais regulares, a necessidade se faz sentir de uma nova e mais rápida forma de linguagem, mais apropriada a pôr os homens em comunicação instantânea e universalmente uns com os outros.

Por que não teria cabimento no mundo moral, de encarnado a encarnado, por meio da telegrafia humana, o que ocorre no mundo físico, por meio da telegrafia elétrica? Por que as relações ocultas que ligam, de maneira mais ou menos consciente, os pensamentos dos homens e dos Espíritos, por meio da telegrafia espiritual, não se generalizariam entre os homens, de modo consciente?

A telegrafia humana! Aí está uma coisa de molde certamente a provocar o riso dos que se negam a admitir o que não caia sob os sentidos materiais. Mas, que importam as zombarias dos presunçosos? As suas negações, por mais que eles as multipliquem, não obstarão a que as leis naturais sigam seu curso, nem a que se encontrem novas aplicações dessas leis, à medida que a inteligência humana se ache em estado de lhes experimentar os efeitos.

O homem exerce ação direta sobre as coisas, assim como sobre as pessoas que o cercam. Frequentemente, uma pessoa de quem se faz pouco, caso a exerce decisiva sobre outras de reputação muito superior. Isto decorre de que na Terra se vêem muito mais máscaras do que semblantes e de que aí o olhar tem a obscurecê-lo a vaidade, o interesse pessoal e todas as paixões más. A experiência demonstra que se pode atuar sobre o espírito dos homens, à revelia deles. Um pensamento superior, fortemente pensado, permita-se nos a expressão, pode, pois, conforme a sua força e a sua elevação, tocar de perto ou de longe homens que nenhuma idéia fazem da maneira por que ele lhes chega, do mesmo modo que muitas vezes aquele que o emite não faz idéia do efeito produzido pela sua emissão. É esse um jogo constante das inteligências humanas e da ação recíproca de umas sobre as outras. Juntai-lhe a das inteligências dos desencarnados e imaginai, se o conseguirdes, o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas.

Se se pudesse suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado! Sentir-se ia aniquilado diante dessa infinidade de pormenores, diante dessas inúmeras redes ligadas entre si por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal.

Pela telegrafia do pensamento, ele apreciará em todo o seu valor a lei da solidariedade, ponderando que não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. Se o egoísmo o levava a desconhecer as conseqüências, para outrem, de um pensamento perverso, pessoalmente seu, por esse mesmo egoísmo ele se verá induzido a ter bons pensamentos, para elevar o nível moral da generalidade das criaturas, atentando nas conseqüências que sobre si mesmo produziria um mau pensamento de outrem.

Que serão, senão conseqüência da telegrafia do pensamento, esses choques misteriosos que nos advertem da alegria ou do sofrimento de um ente caro, que se acha longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo gênero que devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsão que nos arrastam para certos Espíritos e nos afastam de outros?

**Crônicas e Artigos**

315 – 09/06/2013

O Consolador – (Josué Douglas Rodrigues)

**I – FOTOGRAFIA E TELEGRAFIA DO PENSAMENTO**

**O Pensamento**

Formações fluídicas, forças ideoplásticas, formas pensamento são expressões que compõem a literatura espírita clássica, que inclui, além da obra basilar de Allan Kardec, psicografias de Francisco Cândido Xavier pelo Espírito de André Luiz, estudos desenvolvidos por Ernesto Bozzano e muitos outros. O aspecto essencial dessas expressões fixa-se na capacidade própria do pensamento de interferir nas realidades físicas e psíquicas do próprio indivíduo e do ambiente que o cerca. Essa interferência pode manifestar-se, por exemplo, sob a forma de cura, refazimento físico e psíquico, além da transmissão de eflúvios balsâmicos tranquilizantes e reanimadores para almas debilitadas ou, ainda, como manipulação da matéria bruta, própria da crosta terrestre, ou, então, da matéria sutil, comum no plano espiritual, sempre de acordo com objetivos específicos.

Kardec demonstra com maestria o alcance e as consequências do pensamento:

“Um pensamento superior, bem pensado, se me é permitido servir-me desta expressão, pode, segundo a sua força e elevação, impressionar mais ou menos a homens que nenhuma consciência tenham de se achar sob a sua influência; e também, muitas vezes, aquele que o emite não tem consciência do efeito que o seu pensamento vai produzir. É um jogo constante das inteligências humanas, resultante da ação recíproca de uma sobre as outras. Juntai a isto a ação dos desencarnados e calculai, se puderdes, a alta potência desta força composta de tantas forças reunidas”.

“Se fosse possível pôr em evidência o imenso mecanismo que o pensamento põe em atividade, e os efeitos que produz, de um para outro grupo e, enfim, a ação universal dos pensamentos dos homens, uns sobre os outros, o homem ficaria deslumbrado, sentir-se-ia amesquinhado diante desta infinidade de circunstâncias, diante dessa rede infinita; tudo ligado por uma poderosa vontade e agindo harmonicamente para um único fim: o progresso universal.” (Do livro “Obras Póstumas”, no capítulo: “Introdução ao Estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento”).

Ainda a esse respeito, André Luiz nos traz, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, informações de seu instrutor no plano espiritual:

“O pensamento é, sem dúvida, força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal”. (Do livro “Libertação”, no capítulo XVII: “Assistência Fraternal”).

O próprio André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, aprofunda as reflexões sobre o tema:

“A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram”.

“E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria textura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluido gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como ‘raio da emoção’ ou ‘raio do desejo’, força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura.”

## Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo VII)

(Do livro “Evolução em Dois Mundos”, capítulo XIII: “Alma e Fluidos”, item referente à “Reflexão das Ideias”).)

Já para os Espíritos libertos do invólucro carnal, o pensamento age de uma forma própria desse estado, o que é descrito com clareza em “A Gênese”, capítulo XIV, item 14:

“Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não que os manipulem como os homens manipulam os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos aquilo que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a tais fluidos esta ou aquela direção; eles os aglomeram, os combinam ou os dispersam; formam, com esses materiais, conjuntos que tenham uma aparência, uma forma, uma cor determinadas; mudam suas propriedades como um químico altera as propriedades dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo determinadas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual”.

“Algumas vezes, essas transformações são, resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que tal coisa se produza, assim como basta modular uma ária para que a música repercuta na atmosfera.”

Inferem-se de tais ensinamentos, o extraordinário poder e abrangência do pensamento e, se tal ocorre com os meios físicos e psíquicos externos ao indivíduo, quão decisiva será a influência do mesmo nas resoluções nobres e elevadas, tomadas com firmeza e determinação pelo mesmo, e quão exposto estará o incauto, que não tome a rédea dos próprios pensamentos, abrindo-se, dessa forma, ao assédio de forças nocivas criadas e acalentadas por ele próprio e por terceiros?

Enfim, o pensamento é dádiva divina a ser administrada com dedicação suprema. Sobre isso o nobre Espírito Joanna de Ângelis esclarece:

“Por motivos óbvios, somente o ser humano pensa, é capaz de compreender abstrações, de conceber e antever o que lhe ocorre nos painéis da mente, e que pode materializar posteriormente através do empenho e da dedicação na construção das ideias”.

“Mediante o pensamento bem-ordenado, todo o constructo do ser humano avança pelas vias formosas da saúde e da edificação interior, alcançando o elevado patamar da individuação.”

(Do livro “Em Busca da Verdade” pelo Espírito Joanna de Ângelis, psicografado por Divaldo P. Franco.)

Assim sendo, o pensamento, esse poderoso dom divino, que é parte da própria essência do espírito humano, está presente de forma ininterrupta em nosso cotidiano. Não estarmos atentos e vigilantes quanto a isso pode ser desastroso! Sentimentos negativos de raiva, tristeza e frustração, dentre outros, aos quais muitas vezes somos levados de forma quase inconsciente, são fontes de dispersão de energias poderosas, que afetam de maneira significativa, não somente os que nos rodeiam, como também e, sobretudo, aqueles que os mantêm. Da mesma forma, disposições internas edificantes de honestidade e de bondade são invariavelmente respaldadas e ampliadas por forças provenientes, não somente desses pensamentos, mas também pela contribuição de Espíritos afins, que nos secundam de forma pronta e eficaz.

Mais uma vez, os alertas do Mestre Jesus mostram-se indispensáveis ao longo de nossa caminhada evolutiva. Orar e vigiar são providências essenciais para que possamos utilizar de forma livre, consciente e construtiva esse magnífico poder que recebemos gratuita e amorosamente do Pai Criador, caso contrário seremos vítimas incautas de nossa própria displicência.

**Equilibrar mente e pensamento**

– Há no homem qualquer coisa que escape a todo constrangimento, e pela qual ele goza de uma liberdade absoluta?

“É pelo pensamento que o homem goza de uma liberdade sem limites, porque o pensamento não conhece entraves. Pode-se impedir a sua manifestação, mas não aniquilá-lo.”  
(Questão 833, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Na mente está a base da nossa vida ativa e o pensamento é o veículo que conduz o que nela produzimos.

Nossas deliberações, escolhas, renúncias, decisões nascem em nossa mente e são comunicadas para o exterior através do pensamento. Assim, todas as ações que movimentam a nossa vida têm origem na mente.

Diante disso, dentro da sabedoria que lhe é própria, Jesus sentenciou: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação” (Jesus Mateus, 26-41), informando-nos a importância e a necessidade do controle mental.

Uma vez que o mundo exterior toma conhecimento da nossa intimidade através da emissão dos pensamentos, é natural que devamos equilibrá-los, censurando o que não é devido e correto e permitindo evoluir o que é nobre e sublime, porque a partir da emissão deles receberemos os reflexos naturais que decorrem das suas trajetórias.

A ideia de uma boa ação ou de uma atitude infeliz começa na mente e é informada pelo pensamento, assim, sendo criaturas racionais, antes que a mesma ganhe o exterior será preciso o exercício do controle e para tanto temos liberdade absoluta para a decisão.

O crime impetrado no meio social, com os prejuízos que proporciona, tem o seu berço na mente do criminoso, e, se ele tivesse exercido o controle do seu pensamento, teria impedido que a ideia macabra fosse adiante, evitando os dissabores conhecidos.

Da mesma forma e obedecendo a mesma lei natural, as grandes e importantes realizações sociais, com notáveis benefícios à humanidade, floresceram de mentes ajustadas que deram origem a pensamentos salutares, que ao ganharem o mundo exterior produziram resultados satisfatórios.

Poderíamos ter evitado inúmeras tragédias e ainda podemos impedir muitos enganos e equívocos cuidando do controle mental, fazendo uso da razão e do bom senso.

Jesus primeiro pediu que vigiássemos o pensamento e depois sugeriu a oração como complemento, visando conter o ímpeto nefasto do mal e dando vazão aos sentimentos imprescindíveis do bem.

Temos plena consciência de que ainda estamos bem distantes da perfeição, mas, aprendendo, quotidianamente, a ajustar mente e pensamento, aos poucos vamos saindo da condição inferior que nos acolhe para uma postura de superioridade moral.

Em verdade, conhecendo a humanidade como Jesus conhece, por certo não espera posturas santificadas de nossa parte, mas aguarda que cada criatura faça um mínimo de esforço possível para impedir a proliferação do mal, cujas raízes ainda permanecem arraigadas em nossas mentes e gravitam pelo mundo, agasalhadas em nossos pensamentos.

Reflitamos. Controlando a nossa mente e vigiando o nosso pensamento, com certeza, vamos evitar a experiência com situações de dor e sofrimento e, ao mesmo tempo, criaremos a possibilidade real de vivenciarmos realizações de paz e serenidade.

Pensem.